

MÚLTIPLOS OLHARES DA EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE



GERMANA PONCE DE LEON RAMÍREZ
LUCIENNE DORNELES
REBECA PIZZA PANCOTTE DARIUS
(ORGANIZADORAS)

Atena
Editora
Ano 2019

Germana Ponce de Leon Ramírez
Lucienne Dorneles
Rebeca Pizza Pancotte Darius
(Organizadoras)

Múltiplos Olhares da Educação na Contemporaneidade

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de
Oliveira Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
M961	Múltiplos olhares da educação na contemporaneidade [recurso eletrônico] / Organizadoras Germana Ponce de Leon Ramírez, Lucienne Dorneles, Rebeca Pizza Pancotte Darius. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia. ISBN 978-85-7247-354-5 DOI 10.22533/at.ed.545191807 1. Educação. 2. Pedagogia – Pesquisa – Brasil. I. Ramírez, Germana Ponce de Leon. II. Dorneles, Lucienne. III. Darius, Rebeca Pizza Pancotte. CDD 370
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Este livro, na forma de coletânea, é fruto de trabalhos de cunho científico desenvolvidos com alunos em nível de graduação do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), campus Engenheiro Coelho, SP. Tais trabalhos foram desenvolvidos ao longo de um ano e meio sob as orientações de docentes do curso a partir da diversidade de áreas em que desenvolvem suas pesquisas.

O contexto atual, dinâmico, complexo, mutável como tem se demonstrado conduz à percepção da necessidade de instigar e formar nos jovens universitários uma postura investigativa desde a graduação, considerando que um dos objetivos do ensino superior é o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo. Desse modo, compreende-se a importância do incentivo às pesquisas que articulem os conhecimentos teóricos aos práticos possibilitando aos graduandos uma formação mais ampla e significativa.

Esta obra reúne trabalhos cujas temáticas elucidam acerca de múltiplos saberes no campo da educação os quais embora não tenham a intenção de esgotar as possibilidades de discussão acerca deles, apontam promissores rumos de pesquisas que contribuem na área da alfabetização; diversidade étnica e cultural; educação especial; gestão escolar; ludicidade no processo de ensino e aprendizagem; transculturalidade; inteligência espiritual; formação docente.

As organizadoras.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O ESTADO DA ARTE: ESTUDO COMPARATIVO SOBRE OS DESAFIOS PROFISSIONAIS E O OLHAR ATUAL DO GESTOR ESCOLAR SOBRE SUA PRÁTICA	
Luciane Weber Baia Hees Daniele de Castro Corrêa Rachel Simone Roganti da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5451918071	
CAPÍTULO 2	15
FATORES QUE INTERFEREM NA LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Brenda Karoline Honório Elen Roberta Leita da Silva Rebeca Pizza Pancotte Darius	
DOI 10.22533/at.ed.5451918072	
CAPÍTULO 3	26
CONSCIENTIZAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO SER NEGRO NAS SÉRIES INICIAIS	
Bianca Fonseca dos Santos Léia Andrade Frei de Sá Teresa Siwassangue Hisakenua Germana Ponce de Leon Ramírez	
DOI 10.22533/at.ed.5451918073	
CAPÍTULO 4	41
MÉTODO FÔNICO E A AQUISIÇÃO INICIAL DA LINGUAGEM ESCRITA DE DOIS ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN	
Gabrielly Cristina Pereira Ingrid Rodrigues Rieger Keyla Ferrari	
DOI 10.22533/at.ed.5451918074	
CAPÍTULO 5	54
RELAÇÃO ENTRE O USO DE SUBSTÂNCIAS QUÍMICAS ILÍCITAS, PROBLEMAS SOCIOEMOCIONAIS E EVASÃO ESCOLAR	
Karoline Barreto Rauber Luana Aparecida de Andrade Zanitti Ana Cláudia Vespa Mainer Dias	
DOI 10.22533/at.ed.5451918075	
CAPÍTULO 6	66
O IMPACTO DA INSERÇÃO PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DE UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA NO INTERIOR DE SÃO PAULO	
Caroline Amanda Pinheiro Karina da Silva Eustáquio Maria Aparecida Mendes de Souza Simpício Luciane Weber Baia Hees	
DOI 10.22533/at.ed.5451918076	

CAPÍTULO 7	84
COMPREENSÃO DAS FUNÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO: UM OLHAR SOBRE A RELAÇÃO ESCOLA – FAMÍLIA	
Elaine Martins Duarte	
Gersonita Silva Alcantara	
Silvonia de Melo Soares	
Rebeca Pizza Pancotte Darius	
DOI 10.22533/at.ed.5451918077	
CAPÍTULO 8	102
JOGOS LÚDICOS COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DO RACIOCÍNIO LÓGICO- MATEMÁTICO NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I NA PERCEPÇÃO DOS DOCENTES	
Evelyn Mendes Cerqueira	
Monize Aparecida de Toledo	
Rafaela da Silva Dantas	
Raquel Pierini Lopes dos Santos	
Luciane Weber Baia Hees	
DOI 10.22533/at.ed.5451918078	
CAPÍTULO 9	119
O USO DO PARADIDÁTICO COMO MEIO DE ENSINO: FERRAMENTA DE CONSCIENTIZAÇÃO DA DIVERSIDADE ÉTNICA INDÍGENA	
Joyce Moura Silva	
Laura KiachacotaHebo	
Tauana Silva Rodrigues da Costa	
Germana Ponce de Leon Ramírez	
DOI 10.22533/at.ed.5451918079	
CAPÍTULO 10	128
LITERATURA INFANTIL COMO INSTRUMENTO DE ALFABETIZAÇÃO	
Ambar Magnólia Bordón Duarte	
Danielle De Matos Afonso Nascimento	
Verlene Caldeira Costa	
Denise Andrade Moura de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.54519180710	
CAPÍTULO 11	140
A INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL E AS PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL I	
Luana Cardoso Nascimento	
Marianna Gerardo Hidalgo Santos Jorge Leite	
Agnaldo César Rocha Abreu	
Ana Cláudia Vespa Mainer Dias	
DOI 10.22533/at.ed.54519180711	
CAPÍTULO 12	156
O PAPEL DO BRINQUEDO COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DA CONSCIÊNCIA EM SER NEGRO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Aline Vieira de Oliveira Souza	
Morgana Santos Viana Marques	
Germana Ponce de Leon Ramirez	
DOI 10.22533/at.ed.54519180712	

CAPÍTULO 13	170
LEGISLAÇÃO SOBRE O ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL, ASPECTOS HISTÓRICOS	
Bianca Gusmão dos Santos Monfardini	
Felipe Bauer Feijó	
Laís de Andrade Ribeiro Barboza	
Rúbens William Borges Richter	
Giza Guimarães Pereira Sales	
DOI 10.22533/at.ed.54519180713	
CAPÍTULO 14	186
A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO ESCOLAR PARA A CRIANÇA CEGA: ESTUDO DE CASO	
Fernanda Coraini	
Natalina Lopes Fernandes Tavares	
Willer Ferreira de Oliveira	
Keyla Ferrari Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.54519180714	
CAPÍTULO 15	197
CARACTERÍSTICAS DE ALUNOS TRANSCULTURAIS EM AMBIENTE ESCOLAR	
Keilyn Stegmiller Paroschi	
Betania Jacob Stange Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.54519180715	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	212

COMPREENSÃO DAS FUNÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO: UM OLHAR SOBRE A RELAÇÃO ESCOLA – FAMÍLIA

Elaine Martins Duarte

Centro Universitário Adventista
de São Paulo-UNASP
Engenheiro Coelho, SP

Gersonita Silva Alcantara

Centro Universitário Adventista
de São Paulo-UNASP
Engenheiro Coelho, SP

Silvonia de Melo Soares

Centro Universitário Adventista
de São Paulo-UNASP
Engenheiro Coelho, SP

Rebeca Pizza Pancotte Darius

Centro Universitário Adventista
de São Paulo-UNASP
Engenheiro Coelho, SP

RESUMO: Neste presente artigo, abordou-se as funções exercidas pelo coordenador pedagógico no ambiente escolar. O principal objetivo é identificar e esclarecer quais são essas funções, com foco principal na relação existente entre coordenação e as famílias dos alunos. Buscou-se responder à problemática de que se existe ou não uma interação entre os agentes desta pesquisa, e qual o conhecimento que ambos, coordenadores e famílias, possuem sobre as funções exercidas pelo coordenador pedagógico no ambiente escolar. Assim,

esta pesquisa foi respondida através de dois questionários sendo aplicados numa instituição de ensino no interior de São Paulo, um para os pais ou responsáveis pelos alunos e o outro para os coordenadores da instituição. A problemática deste trabalho se baseia no foco das relações interpessoais entre escola e famílias, que devem ser mediadas através da ação do coordenador pedagógico, principal agente desta articulação. Os resultados encontrados após a aplicação dos questionários foram satisfatórios e puderam apresentar uma resposta em que os familiares têm ligação insatisfatória com a escola e acabam por não saberem quais as funções exercidas pelo coordenador pedagógico, e os coordenadores ainda não conseguem exercer suas funções no ambiente escolar, por não terem encontrado sua identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Coordenador Pedagógico, Família e Escola.

1 | INTRODUÇÃO

Atualmente, em muitas instituições de ensino a função de orientador educacional não existe mais, ainda sim está incorporada nas funções do coordenador pedagógico (PIRES, 2005). Considera-se que há várias funções acrescentadas no cotidiano do coordenador, que trazem dificuldades para seu trabalho,

o que acarreta, muitas vezes, na falta de condições para promover situações que motivem esses familiares a fazer parte do dia a dia escolar. Cavalcante (1997, p. 7) afirma a importância da participação dos familiares:

Com o envolvimento dos pais na escola os conflitos da escola com os familiares tendem a se reduzir, melhorando ainda mais o ambiente escolar. No entanto, mesmo com evidências positivas sobre os benefícios da colaboração entre escola e pais, pouco se tem feito no meio educacional para que os familiares dos alunos se sintam como parte do processo educacional dos seus filhos.

Neste artigo pretende-se analisar as funções do coordenador pedagógico dentro do ambiente escolar, destacando seu papel na relação com as famílias dos alunos.

O coordenador pedagógico deve estar atento às necessidades dos professores com relação à sala de aula e aos alunos, pois ele tem entre suas funções dar apoio aos docentes e auxiliá-los em suas necessidades no ambiente escolar. Esse profissional tem como característica ser mediador e articulador, com a função de exercer atividades no ambiente escolar. Deve estar diretamente ligado a todas as decisões tomadas em seu ambiente de trabalho juntamente com o corpo docente.

Essa relação entre coordenador e professor é importante para que haja a interrelação entre o coordenador e as famílias, já que é o professor que está diretamente em contato com os alunos em sala de aula, e são eles que acabam procurando o coordenador pedagógico quando há algo de errado ocorrendo em sala de aula.

Com isso, ele atua como mediador dos conflitos existentes fora e dentro da sala de aula, seja entre professor/ aluno, aluno/aluno, professor/família e outros. O coordenador deve ser neutro e ético em todas as situações que for solicitado, a fim de buscar a melhor solução.

Nesse trabalho, discute-se algumas ações que envolvem este profissional como um agente mediador das conexões escolares, abordando de modo geral sua função de interventor das atividades pedagógicas, a fim de investigar se ele não seria o profissional mais indicado para promover as relações interpessoais entre escola e família. A hipótese através das pesquisas elaboradas, é que o coordenador pedagógico deve ser o principal agente da articulação entre a escola e a família, através de didáticas elaboradas no contexto escolar para essa aproximação.

A pesquisa está dividida em três subtemas importantes: O coordenador pedagógico como mediador e articulador, em que se procura identificar e mostrar as funções que ele exerce e deve exercer no seu dia de trabalho, e como isso acontece; quais são as atividades de mediador e articulador. O segundo trata do papel do coordenador pedagógico na relação professor/aluno, com ênfase no trabalho que pode ser desenvolvido pelo docente em sala de aula, a fim de desenvolver uma relação entre professor e educando. Procura-se assim mostrar a necessidade dessa mediação para o desenvolvimento de ambos no ambiente de trabalho, lembrando que o objetivo final é a aprendizagem dos alunos, o que também envolve a relação com os professores e familiares dos educandos.

E a última parte trata da relação do coordenador pedagógico com as famílias dos alunos, cujo objetivo é refletir sobre a importância de sua atuação em promover o entrosamento e a participação dos pais na vida acadêmica dos filhos como forma de contribuir com o processo de ensino/aprendizagem. Lembrando que por algum tempo a presença da família na escola não foi vista com bons olhos, pois era compreendida como intromissão nas atitudes tomadas pela mesma, trazendo à escola um pensamento de ameaça às funções elaboradas no ambiente acadêmico (SOUZA E SARMENTO, 2009-2010).

2 | METODOLOGIA

Como parte do trabalho, realizou-se uma pesquisa empírica com coordenadores pedagógicos e com pais de alunos dos 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, de duas escolas públicas localizadas no interior de São Paulo, por meio de questionários previamente aprovados por um Comitê de Ética da Plataforma Brasil.

Os questionários aplicados aos coordenadores tinham o objetivo de identificar quais eram suas percepções sobre seu próprio trabalho no ambiente escolar. Quanto aos pais, receberam um questionário para identificar o que sabiam sobre o trabalho desenvolvido pelo coordenador pedagógico no ambiente escolar. O questionário continha perguntas de autoavaliação sobre sua participação nas atividades escolares dos filhos e perguntas sobre o que pensa do trabalho do coordenador, se compreendem bem qual é a função da coordenação pedagógica na escola e se o coordenador promove a participação deles na vida escolar.

Durante o estágio realizado nestas duas escolas, observou-se que o coordenador pedagógico assume várias funções, se sobrecarregando com atividades que não condizem com a função. Muitas vezes ele não consegue conciliar tantas tarefas que lhe são atribuídas, nem sempre de cunho pedagógico. Segundo Placco; Almeida; Souza (2011, p. 230), o coordenador deve:

[...] em seu papel formador, oferecer condições ao professor para que aprofunde sua área específica e trabalhe bem com ela, ou seja, transforme seu conhecimento específico em ensino. Importa, então, destacar dois dos principais compromissos do CP: com uma formação que represente o projeto escolar [...] e com a promoção do desenvolvimento dos professores [...] Imbricados no papel formativo, estão os papéis de articulador e transformador.

Com isso espera-se voltar a atenção para a valorização deste profissional que muitas vezes parece não ter achado o seu lugar dentro das escolas e na compreensão dos que o buscam e o observam. Encontramos vários trabalhos e documentos que esclarecem as funções do coordenador, o que nos acentuou a preocupação, pois mesmo com tanta orientação e informação, a respeito de suas atividades cotidianas, ainda é muito presente o desvio de função e pouco se fala sobre a importância da relação entre coordenador e famílias.

A função desse agente tem passado por mudanças significativas nas últimas décadas, no entanto é surpreendente que essa questão não tenha recebido a devida atenção por parte dos pesquisadores, ao menos no que se refere à relação escola-família. Sendo assim, ressalta-se a relevância acadêmica de estudos com esse objetivo (SILVA E FACHINI, 2015, p.20).

contudo, para acrescentar o mundo das pesquisas, busca-se, apresentar respostas de algumas possíveis indagações a respeito do trabalho do coordenador pedagógico, com um enfoque na relação com as famílias para o melhor desenvolvimento escolar, tanto para os alunos, pais e professores.

3 | O COORDENADOR PEDAGÓGICO COMO MEDIADOR E ARTICULADOR

Para entendermos o papel do coordenador pedagógico na escola precisamos identificar qual sua identidade, a qual está relacionada à função de mediador, colaborador, ouvinte, amigo, norteador de funções, conselheiro, referencial positivo e pessoa de confiança (AZEVEDO; NOGUEIRA; RODRIGUES, 2012). Assim estará atualizado, acerca das necessidades que norteiam seu trabalho trazendo soluções cada vez melhores para seu empenho pessoal e para as pessoas que necessitam de seu trabalho. Assim como salienta os autores abaixo:

As relações interpessoais permeiam a prática do coordenador que precisa articular as instâncias escola e família, sabendo ouvir, olhar e falar a todos que buscam a sua atenção. O coordenador pedagógico deve identificar as necessidades dos professores e com eles encontrar soluções que priorizem um trabalho educacional de qualidade. Esse profissional tem que ir além do conhecimento teórico, pois para acompanhar o trabalho pedagógico e estimular os professores é preciso percepção e sensibilidade para identificar as necessidades dos alunos e professores, tendo que se manter sempre atualizado, buscando fontes de informação e refletindo sobre sua prática (AZEVEDO; NOGUEIRA; RODRIGUES, 2012, p. 23).

Segundo Vasconcelos (2009), a função do coordenador pedagógico na atualidade está sendo desviada para dedo-duro, pombo correio, coringa, quebra-galho, substituto de professor, secretário salva-vidas, enfermeiro, assistente social, “bombeiro”, que vive para resolver constantes conflitos entre alunos/alunos e professores/alunos, também são visto como dicário, ou seja, aquele que tem por obrigação dar respostas para tudo e todos, entre muitos outros pontos de vistas equivocados das funções do coordenador pedagógico.

As atividades realizadas pelo coordenador pedagógico são distorcidas muitas vezes pela própria direção e professores. Tratando de retificar a visão sobre a função do coordenador pedagógico, Oliveira e Guimarães (2013, p. 96) afirmam que “o coordenador enfrenta o desafio de construir seu novo perfil profissional e delimitar seu espaço de atuação, porém, precisa resgatar sua identidade e consolidar um trabalho que vai muito além da dimensão pedagógica”.

Assim, apesar de atualmente muito se falar sobre o coordenador pedagógico, sua prática na instituição escolar enquanto mediador ainda não está clara. Portanto,

qual deve ser seu posicionamento para que exerça sua função e traga benefícios para toda comunidade escolar? Muitos desses profissionais sentem-se confusos e solitários em suas buscas, há a possibilidade de temer expor suas incógnitas e inquietações sobre sua própria função, por serem vistos como fracos e/ou incapazes de exercê-la. Conforme o pensamento de Vasconcellos (2009, p. 85):

Afinal de contas, qual o papel da coordenação? [...] sentem-se sozinhos, lutando em muitas frentes, tendo que desempenhar várias funções. Qual seria sua efetiva identidade profissional? A sensação que tem, com frequência, é de que são “bombeiros” a apagar diferentes focos de “incêndios” na escola, e no final do dia vem o amargo sabor de que não se fez nada de muito relevante [...] Sentem ainda o distanciamento em relação aos professores, a desconfiança, a competição, a disputa de influência e de poder, etc.

Para que o desempenho do coordenador seja satisfatório em relação as suas funções é necessário que haja colaboração de toda a comunidade escolar, e que suas obrigações sejam exercidas de acordo com seu plano de carreira. “É importante lembrar que [...] a coordenação é exercida por um educador, e como tal deve estar no combate de tudo aquilo que desumaniza a escola, a reprodução da ideologia dominante, o autoritarismo [...] (VASCONCELLOS, 2009, p. 87).

De acordo com Vasconcellos (2009) a função de coordenação tem um “passado negro”, pois os remete a um período ditatorial em que o coordenador, chamado então de supervisor, comportava-se de forma vigilante com ações punitivas. Sua presença era fator de inibição, domínio, controle e castigo. Michel Foucault (*apud* Vasconcellos, 2009) foi o grande fomentador dessa visão exemplificando por meio do panóptico (Um sistema de vigilância e controle.) a ação de controle e domínio social, e também nas instituições, inclusive as educacionais. Hoje o sistema panóptico pode se manifestar de outras maneiras, pelo controle e autoritarismo que ainda permeiam muitas práticas pedagógicas, seja por meio do coordenador em relação ao professor, ou da direção e própria comunidade escolar em relação ao trabalho do coordenador. De acordo com Vasconcellos (2009, p. 86):

Sabe-se que a Supervisão Educacional foi criada num contexto de ditadura. A Lei n. 5692/71 a instituiu como serviço específico da Escola de 1º e 2º Grau (embora já existisse anteriormente). Sua função era, então, predominantemente tecnicista e controladora e, de certa forma, correspondia à militarização Escolar. No contexto da Doutrina de Segurança Nacional adotada em 1967 e no espírito do AI-5 (Ato Institucional n.5) de 1968.

Lamentavelmente, ainda hoje muitos coordenadores, por vontade própria ou talvez por não compreenderem bem sua função, exercem as funções que lhes são atribuídas sem questioná-las, aceitando e elaborando as mesmas atitudes dos que lhe atribuem funções. Tão comum é o comportamento dos professores ameaçarem seus alunos de irem para a coordenação em caso de mau comportamento em sala de aula; a visão de executor de punição e vigilante dominador, ainda faz parte da deturpada compreensão das atuais funções do coordenador pedagógico.

Com essa origem, o coordenador terá de ser o primeiro a compreender sua

identidade e função para que outros a compreendam também. De acordo com Orsolon (2006), para que os professores tenham consciência da necessidade de uma postura que leve a uma mudança transformadora do espaço escolar, é essencial que haja um aspecto de crença nas atividades elaboradas e exercidas pelos profissionais que gerem o espaço escolar, especialmente o coordenador pedagógico que está à frente das atividades cotidianas. Sendo assim, a autora aponta ações que o coordenador pedagógico pode exercer e que são capazes de mostrar essas mudanças, como:

Promover um trabalho de coordenação em conexão com a organização/gestão escolar: as práticas administrativas e pedagógicas desenvolvidas na escola desenham as relações e as interações que as pessoas estabelecem em seu interior e definem formas/modelos para o fazer docente. Quando os professores percebem movimentos da organização/gestão escolar direcionados para a mudança de determinado aspecto de sua prática, essa situação pode se constituir num fator sensibilizador para sua mudança (ORSOLON, 2006, p. 15).

Para que ocorram essas mudanças e para que o docente tenha credibilidade nas atividades realizadas pelo coordenador, e este mostre o quanto é importante nesta conexão, é necessário que o mesmo busque sua identidade enquanto mediador no ambiente escolar, dando suporte acadêmico aos professores e alunos, a fim de auxiliar nas tarefas essenciais para o funcionamento do cotidiano escolar.

4 | O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO

Todo coordenador é professor e de acordo com Azevedo *et al* (2012), precisa conhecer as necessidades dos docentes com os quais trabalha, levando-os a refletirem sobre suas práticas enquanto ele próprio reflete sobre a sua função. Segundo Vasconcellos (2009), é importante compreender que a função do Coordenador Pedagógico se dá no campo da mediação. Tendo esse entendimento, compreende-se que o coordenador se relaciona com o professor a fim de que ele desenvolva uma relação diferenciada e com qualidade no trabalho com os alunos.

Vasconcellos (2009) mostra o quão importante é a relação do coordenador com seus professores, pois muitas vezes necessitam de colo para aliviar suas angústias, em relação aos seus anseios e dificuldades encontradas no ambiente acadêmico. Ainda afirma que a relação do coordenador para com o professor tem semelhança com a do docente para com seus alunos, ou seja, o coordenador apoiará o trabalho do professor, e em contrapartida não irá se sobrecarregar com os constantes conflitos entre alunos e professor, e de alunos para alunos. Assim confirma Vasconcellos (2009 p. 89):

Acolher o professor em sua realidade, em suas angústias; dar “colo”: reconhecimento de suas necessidades e dificuldades. A atitude de acolhimento é fundamental também como uma aprendizagem do professor em relação ao trabalho que deve fazer com os alunos; fazer a crítica dos acontecimentos, ajudando a compreender a própria participação do professor no problema, a perceber suas contradições (e

não acobertá-las); [...] buscar caminhos alternativos [...]; acompanhar a caminhada no seu conjunto, nas suas várias dimensões.

Sem ter uma compreensão das ações do professor em sala, sem diálogo com o mesmo e sem oferecer-lhe empatia, o devido apoio e troca de experiências será como quem tenta curar uma árvore que morre cuidando só das folhas ignorando a raiz, ou seja, não vai até a causa do problema. Vasconcellos, (2009, p. 91) afirma “que o coordenador não pode ‘queimar’ a relação com os docentes”. Por isso, seu olhar para com o professor tem que ser baseado na crença de que o mesmo tem capacidade de crescer, evitando o favoritismo, pois todos são merecedores da mesma dedicação e confiança para desempenhar bem as suas competências em sala de aula.

Vivemos tempos de mudanças rápidas e incertezas, na área da educação, a escola, comunidade, família e os educadores parecem surpresos diante de todas essas novidades. A questão é: estamos preparados para as mudanças? Os coordenadores estão cientes de suas funções frente a essa nova realidade? São mudanças políticas, ideologias, econômicas, familiares, religiosas. Todos os profissionais da educação necessitam ter em mente que os alunos precisam de uma educação que amplie a capacidade desse sujeito (AZEVEDO *et al*, 2012, p. 22).

Para que isso aconteça, é necessária a presença do coordenador pedagógico consciente de seu papel, da importância de sua formação continuada e da equipe docente, além de manter a parceria entre pais, alunos, professores, direção e técnico-administrativo.

Se o coordenador for rígido e inflexível em renovar seus saberes, este enrijecerá também seus colegas de trabalho, pois entrarão em choque com realidades diferentes. Os professores estarão em uma realidade atualizada, enquanto o coordenador estará preso ao passado, e este por sua vez se apresentará de forma imperativa em suas atitudes não dando lugar ao diálogo e harmonia de ideias inovadoras no seu trabalho. Terá uma mente fechada e indisposta a ouvir o que há de novo no trabalho de professores. Assim nos mostra Oliveira e Guimarães (2013, p. 95):

Destacamos que sua principal atribuição consiste na formação em serviço dos professores. Para agir de forma eficiente, precisa, além de uma formação consistente, um investimento educativo contínuo e sistemático para que sejam desenvolvidas capacidades e habilidades múltiplas, como exige a educação atual.

Para que os professores consigam desenvolver consciência e habilidades, devem estar dispostos a agir de maneira eficiente e consistente, buscando novas atividades que contribuam para seu crescimento acadêmico e pessoal, a fim de desenvolver novas competências para melhor atender o público que o espera.

Dessa forma o coordenador pedagógico poderá de maneira mais eficaz contribuir com seu trabalho, auxiliando melhor o desempenho do docente em sala de aula e fora dela. De acordo com Selles, 2000, p. 168:

A formação de um professor é um processo contínuo. O momento de seu ingresso ao curso de formação inicial é apenas um marco numa trajetória de crescimento onde, somados aos constituintes da história de vida deste indivíduo, irão conjugar-

se conhecimentos de uma dada área específica, teorias pedagógicas e elementos práticos oriundos da atividade docente e, em conjunto, formam a base sobre a qual a profissão irá se alicerçar.

Um fator que muito se discute no meio educacional é também a relação dos familiares com os professores e a gestão escolar que diversas vezes sofrem conflitos intraescolares e extraescolares, por situações que são mal resolvidas. Um agente imprescindível nesta mediação é o coordenador pedagógico que deve se relacionar com ambos os lados, sendo um mediador entre as relações escola e família, isso através de atividades criadas pelo mesmo no ambiente escolar.

5 | INTERAÇÃO DO COORDENADOR COM A FAMÍLIA

Sabe-se que as configurações familiares atuais são diversas, e que cada família consiste de uma realidade diferente mesmo estando inseridas num mesmo contexto histórico, e que cada uma interage e comunica de maneiras diferentes. Cabe à escola e o coordenador pedagógico identificar os perfis das famílias, e agir de maneira consciente e planejada para interagir com todas elas. De acordo com Silva e Conceição (2014), o que acarreta para a escola são desafios de como saber lidar com essa diversidade.

O trabalho do coordenador pedagógico deve ser sistemático, ou seja, planejado e para isso, é necessário que o coordenador pedagógico realize a caracterização das famílias atendidas na escola, descrevendo seu contexto, para isso o coordenador poderá solicitar o preenchimento de questionários. Os questionários poderão abordar dados sobre: a relação do aluno com a família, informações sobre os alunos, entre outros. Através deste questionário, o orientador educacional identifica os aspectos com maior necessidade de atuação e agir nelas [...]. Em seguida, para realizar a interação da escola com a família, ele pode utilizar festas, palestras, debates, filmes, reuniões do conselho escolar; reuniões da associação Pais e Mestres, além das reuniões sobre o rendimento escolar [...] (SILVA; CONCEIÇÃO, [2014], p. 3).

Para Faria Filho (2000, p. 44) a maior participação dos pais na escola é uma ilusão, pois essa ideia foi construída pela escola, mas ela não corresponde à realidade, o autor menciona que esta é uma “visão escolarizada do problema”. Muitas vezes, a família e a escola têm percepções diferentes do que seja participar. Cavalcante (1998, p. 2) afirma que “uma das principais razões porque a escola e pais raramente colaboram uns com os outros é a falsa crença entre muitos educadores de que a escola é impotente para afetar de maneira positiva as famílias dos alunos”.

De acordo com Silva e Fachini (2015) deve haver um diálogo no âmbito escolar quanto às responsabilidades de educação das crianças, em que família e escola são parceiras visando uma educação com ensino de valores que possibilitem ao aluno o convívio em sociedade.

Os motivos que deixam muitas crianças fora da escola são inúmeros, vão desde direitos não cumpridos, distâncias geográficas, trajetos e localidades extremamente violentos para as várias comunidades (negros, indígenas, ribeirinhos, quilombolas e

periferias urbanas) até o desinteresse e/ou dificuldades de muitos pais e responsáveis, preferindo que seus filhos sejam colocados para trabalhar por causa da necessidade imediata do sustento ainda que em tenra idade do que o longo caminho dos estudos, cujos os resultados são vistos a longo prazo. Informação verbal: conteúdo de aulas ministrada pelas docentes das disciplinas “Organização do Tempo e Espaço” e “Oficinas Pedagógicas de Formação”, do curso de Pedagogia do Centro Universitário Adventista de São Paulo – Engenheiro Coelho.

Faria Filho (2000), com base em pesquisas realizadas por ele, explica sobre como a relação família e escola é considerada ao longo do tempo, e analisa a pouca influência positiva e poder de desenvolvimento intelectual que as famílias tem na educação de seus filhos se trabalhar sem o vital auxílio da escola que se representa na intervenção do coordenador pedagógico. Faria Filho (2000, p.46) afirma que:

A ação da família é, no entanto, uma ação complementar à da escola e a ela subordinada, porque se desconfia da competência da família para bem educar; na verdade, no mais das vezes, afirma-se que a família não consegue mais educar os seus filhos. [...] Como fazer, então, para interessar ou envolver a família na escola? Várias ações são propostas, as quais estão articuladas pela ideia de que cabe à escola um papel preponderante na reforma social visada. [...] é sobretudo quando se trata da “reforma” das camadas mais pobres da sociedade, particularmente no que se refere à higiene e à alimentação, que a dimensão reformadora da escola adquire maior consistência.

Diante dessa realidade citada por Faria Filho (2000), a escola assume o suprir dessas necessidades dos alunos, justamente por isso hoje se tem as escolas em período integral, para que o aluno tenha suas lacunas pessoais preenchidas e apoiado pela escola que se coloca mais próxima e comprometida com seu desenvolvimento. A pessoa do coordenador pedagógico traduz então a imagem da escola de não só instituição de ensino, mas como um conjunto de profissionais que tem interesse real e pessoal no bem-estar do aluno. Assim escola, família e alunos conseguirão as reformas positivas que buscam.

A escola pode, através do coordenador pedagógico e unido aos professores, elevar a formação dos alunos no aprendizado acadêmico e da vida. Sendo o exemplo para seus alunos de um bom cidadão moral, intelectual e emocional.

Diante do estudante está disponível um caminho de contínuo progresso. Ele tem um objetivo a alcançar e um padrão a atingir, os quais inclui tudo o que é bom, puro e nobre. Ele progredirá tão depressa e tanto quanto possível em cada ramo do conhecimento. Seus esforços se dirigirão a objetivos mais elevados que os meros interesses egoístas temporais assim como os Céus são mais altos que a Terra (WHITE, 2015, p.11).

Infelizmente muitos educadores tem uma visão imatura da situação de alguns alunos no que diz respeito a seu desenvolvimento ou não por causa da origem familiar que eles têm, por meio dessa rasa avaliação, são tentados a acreditar que o destino de muitas crianças está fadado ao fracasso.

O comentário que é comumente ouvido nos corredores escolares: “Não podemos fazer nada por este aluno... a sua situação familiar é terrível!” reflete uma atitude

negativa e estereotipada com relação a certos alunos a qual precisa ser eliminada do discurso educacional (CALVACANTE, 1998, p.154).

Essa visão errônea sobre as condições de aprendizagem dos alunos com problemas na família, tem sua origem numa visão de família e escola que estão separadas, instituições não-interativas. Muitos autores tais como Alice Felisberto da Silva, Maria Ângela Bariani de Arruda Fachini, Maria Martins de Sousa, Teresa Sarmiento, creem diferente dessa perspectiva e a refutam pois entendem que toda a experiência da criança em ambiente escolar está intimamente ligada à sua convivência com a família; portanto, inseparáveis, ou seja, não é possível existir relacionamento totalmente individual entre educadores e alunos porque as famílias estão representadas em suas atitudes no ambiente escolar.

A família e a escola são partes fundamentais no desenvolvimento da criança e delas dependem o seu crescimento emocional e cognitivo. Sendo assim, quanto mais próximo o coordenador estiver do aluno, mais poderá conhecer sua origem, entender seu comportamento e criar estratégias para ajuda-los.

A crença de que a escola não pode afetar as famílias dos seus alunos, e vice-versa, é contraditória, portanto, a esta visão do aluno como um ser complexo e holístico. Na realidade, a escola não só tem a capacidade de influenciar positivamente seus alunos e famílias, como o tem o dever de fazê-lo (CALVACANTE 1998, p. 154).

Souza e Sarmiento (2009), afirmam que um olhar comum positivo da escola e famílias para com a educação da criança está positivamente ligado ao sucesso e desenvolvimento da mesma, e que o grau de envolvimento da família com a escola só tornará cada vez mais forte esse desenvolvimento, pois a vida da escola e das famílias será francamente melhoradas se houver um verdadeiro espírito de colaboração em torno da vida escolar da criança. Espera-se que o coordenador tenha condições de promover esse olhar na escola.

6 I METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS QUESTIONÁRIO DOS PAIS E COORDENADORES

As estratégias metodológicas utilizadas neste artigo para que pudéssemos obter os resultados contidos nesta pesquisa, passou por diversas etapas, conforme já explicado na introdução. O intuito desta coleta de dados foi o de tentar responder a nossa problemática, cujo foco central, gira em torno das percepções que coordenadores e famílias tem acerca do trabalho do coordenador pedagógico na escola. Foram distribuídos na escola campo questionários sendo 60 para os pais e 3 os coordenadores. Sendo que dos questionários dos pais apenas 12 retornaram respondidos. Todos os coordenadores responderam as questões da pesquisa.

6.1 Análise dos Dados das Famílias

O questionário enviado aos pais contendo 7 questões, das quais foram analisadas e destas destacaram-se 4, que demonstravam mais especificamente os dados necessários para análise desta pesquisa, e estas respostas estão apresentadas em forma de gráficos. Dos 60 questionários distribuídos, 12 retornaram, isso mostra que nem todos os envolvidos na pesquisa estavam empenhados em participar da mesma. Mesmo com essa a grande não devolutiva tivemos dados suficientes para analisar nosso problema de pesquisa. Seguem as questões, tabulação e análise de dados.

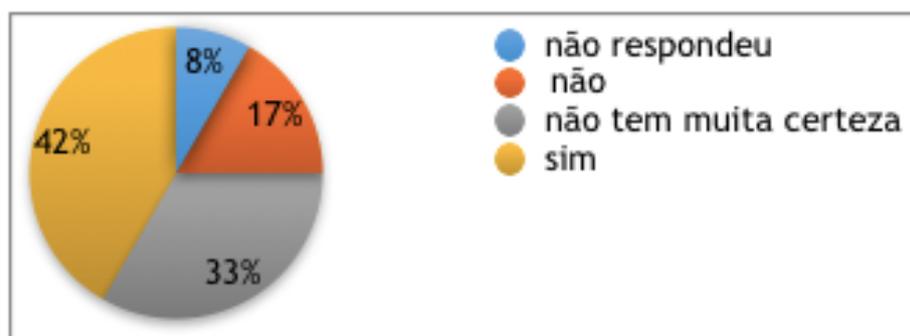


Gráfico 1: Você sabe qual papel do coordenador pedagógico dentro da escola?

Fonte: Produzidos pelas autoras, a partir do questionário dos pais.

A partir dos dados representados nesse gráfico, podemos perceber claramente que muitos pais não fazem ideia do papel desempenhado pelo coordenador pedagógico na escola, o que pode representar certa falta de interesse ou ausência de um diálogo direto com a escola, que pode ser representado também pela sobrecarga nas funções do coordenador mostrando que ele não tem ligação direta com esses pais, representada nas respostas dos mesmos quando respondem que “não tem muita certeza” ou que simplesmente não sabem. Mas segundo Piaget (2007, p.50)

[...] se toda pessoa tem direito à educação, é evidente que os pais também possuem o direito de serem, senão educados, ao menos, informados no tocante à melhor educação a ser proporcionada a seus filhos.

Ou seja, a escola tem que fazer o seu papel em aproximar os pais do ambiente escolar, afim de que estes estejam inteirados dos acontecimentos e fatores desenvolvidos no mesmo.

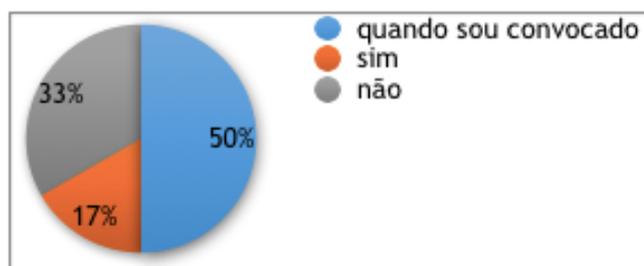


Gráfico 2: Você mantém uma comunicação com o coordenador da escola do seu filho?

Fonte: Produzidos pelas autoras, a partir do questionário dos pais.

Neste gráfico 2, buscou-se identificar os pais que participaram da pesquisa, se procuram de alguma maneira ter uma comunicação direta com coordenador de seus filhos, e conseqüentemente, ligação com a escola. E como pode-se observar, mesmo sabendo que pode haver interação entre pais e coordenadores, isso ocorre com pouca frequência, já que verificou-se neste gráfico que eles só comparecem na escola quando são convocados e uma minoria diz manter essa comunicação.

Com isso salienta-se a importância do trabalho dos coordenadores e da escola nesse processo de interação escola e famílias. De acordo com Reis (2007, p.6) “a escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida a escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos”.

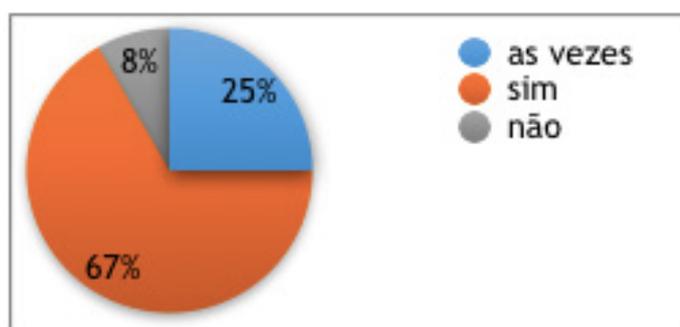


Gráfico 3: Você participa das reuniões e das programações que a escola oferece?

Fonte: Produzidos pelas autoras, a partir do questionário dos pais.

No gráfico 3, podemos perceber que mesmo com a falta de tempo, muitos pais ainda participam das reuniões escolares e programações oferecidas pela escola, isso nos leva a um pensamento de que é nesse momento que a coordenação pedagógica deve pensar e elaborar estratégias para manter o vínculo entre escola e família, a fim

de que os envolvidos possam assim construir um bom relacionamento. Atualmente os modelos familiares sofreram algumas alterações que acabam por afetar o desenvolvimento e relacionamento entre escola e famílias. Conforme afirma Romanelli (2005, p. 77) ao comentar sobre as mudanças ocorridas na estrutura familiar.

Uma das transformações mais significativas na vida doméstica e que redundam em mudanças na dinâmica familiar é a crescente participação do sexo feminino na força de trabalho, em consequência das dificuldades enfrentadas pelas famílias.

Isso nos mostra o quão importante é essa ligação entre escola e família para o bom desempenho e desenvolvimento do aluno, e em concordância e complementação a fala de Romanelli, ressalta Maldonado (1997, p. 11), “Por falta de um contato mais próximo e afetuoso, surgem as condutas caóticas e desordenadas, que se reflete em casa e quase sempre, também na escola em termos de indisciplina e de baixo rendimento escolar”.

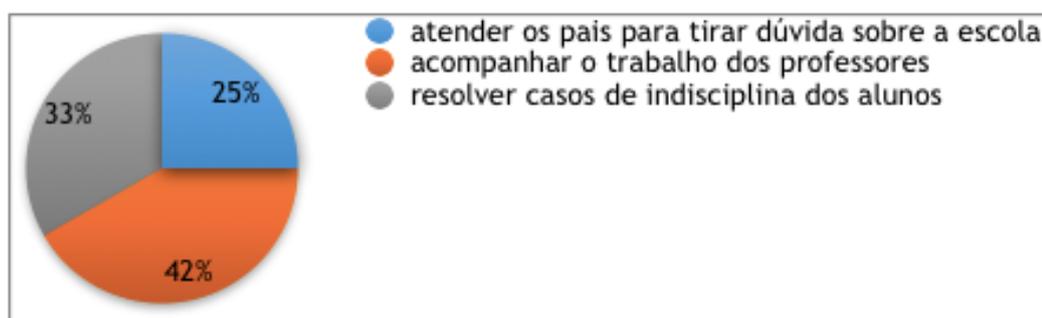


Gráfico 4: Na sua visão qual a principal função do coordenador pedagógico na escola?

Fonte: Produzidos pelas autoras, a partir do questionário dos pais.

De acordo com esta questão, buscou-se compreender o que os pais entendem por serem as funções do coordenador pedagógico, e como pode-se verificar neste gráfico, as opiniões estão bem divididas. Assim 42% pensa ser o acompanhamento do trabalho com os professores, 33% pensam que seu papel é resolver as indisciplinas dos alunos, e uma minoria de 25% percebe este profissional como um agente de relações entre a escola e os próprios pais, o que revela que a função do coordenador pedagógico é pouco compreendida. O que eles não sabem é que o trabalho do coordenador é bem mais complexo e extenso, e que a ligação destes pais e o desenvolvimento da escola dependem do trabalho desempenhado pelo coordenador no ambiente escolar. Assim para enfatizar aquilo que toda a pesquisa vem trazendo a respeito da importância de que a escola e família devem estar em constante harmonia, Parolim (2003) diz:

[...] tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto ela necessita

6.2 Dados Correspondentes Com os Questionários dos Coordenadores

Quanto ao questionário dos coordenadores, buscou-se compreender se eles estão preparados para seu trabalho dentro das escolas, se eles percebem existir algum desvio em suas funções, e se existe relação entre eles e as famílias e com isso também se há espaço para que os pais estejam em contato com a escola, assim como um espaço efetivo de comunicação entre ambos. Das 5 questões foram selecionadas 4 mais relevantes para a discussão.

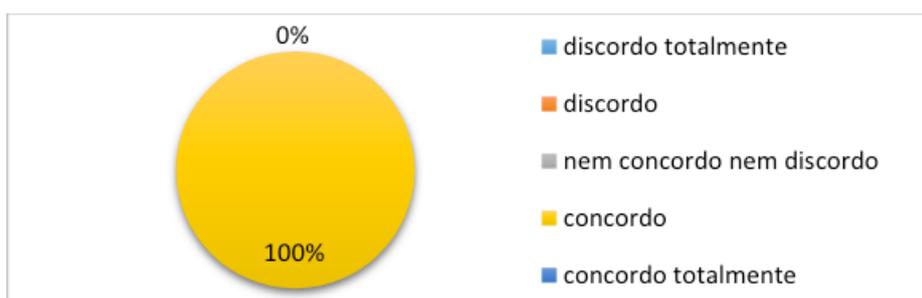


Gráfico 1: Enquanto coordenador (a) pedagógico (a) você se sente preparado (a) para trabalhar com as demandas atuais que sua função lhe coloca?

Fonte: Produzidos pelas autoras, a partir do questionário dos coordenadores.

O que podemos observar neste gráfico 1, é que 100% dos entrevistados responderam que concordam em se sentirem preparados para a função. Mesmo com as afirmações fornecidas pelos entrevistados e de acordo com alguns referenciais teóricos percebe-se que ainda muitos dos coordenadores pedagógicos sentem-se perdidos em suas funções e sentem-se receosos em buscar ajuda, por conta de serem tratados como fracos ou incompetentes de exerce-la. Oliveira e Guimarães (p.96).

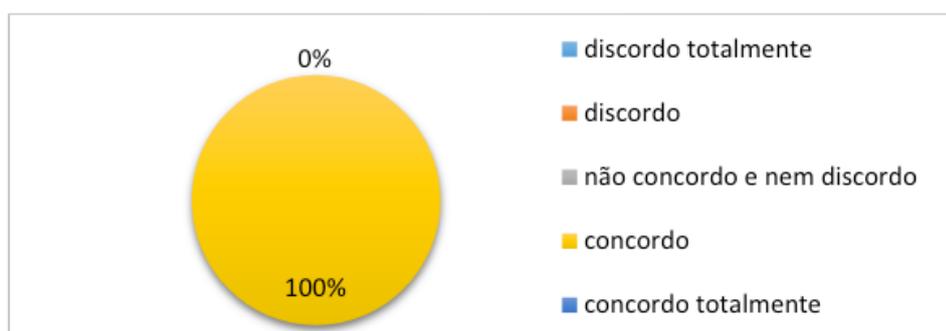


Gráfico 2: Exercendo sua função de coordenador(a) pedagógico(a) você percebe “desvio de função” com frequência.

Fonte: Produzidos pelas autoras, a partir do questionário dos coordenadores.

Neste gráfico 2, nota-se que todos responderam que concordam a respeito de

perceberem um desvio de função, mesmo eles tendo respondido no gráfico 1 que estão preparados para exercerem suas funções. Conforme Vasconcellos (2009, p.85) diversas são as reclamações que emergem do cotidiano dos coordenadores; sentem-se sozinhos lutando em muitas frentes tendo que desempenhar várias funções. No comparativo entre esse gráfico e o anterior, pode-se deduzir que o não apoio ou a falta de conhecimento da função do coordenador por parte da comunidade escolar pode interferir negativamente na sua prática.

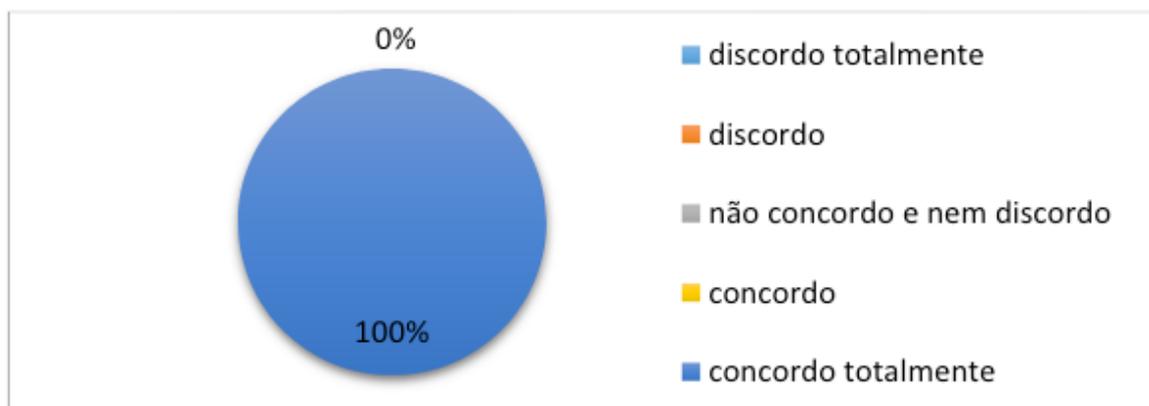


Gráfico 3: Na relação com as famílias, a escola dá espaço para os responsáveis se expressarem por meio do diálogo com a coordenação pedagógica.

Fonte: Produzidos pelas autoras, a partir do questionário dos coordenadores.

Neste gráfico, busca-se entender se a escola e a coordenação dão suporte e espaço para que os pais e familiares dos alunos possam interagir e se comunicar com os mesmos. O que se observa é que todos eles foram unânimes em assinalar que concordam totalmente com essa afirmação. Então surge o questionamento se há esse espaço, por que ainda hoje não há essa inteiração? Para Faria filho (2000, p.2) não existe a participação dos pais, pois acredita-se que é uma mera ilusão criada pela própria escola, ela não condiz com a realidade, o autor refere-se a ela como uma visão escolarizada do problema. A família e a escola têm visão diferenciada do que seja participação.

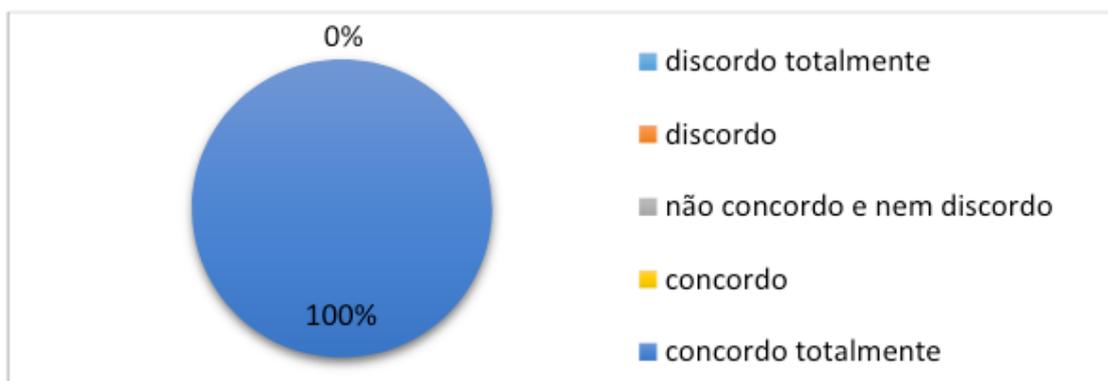


Gráfico 4: O diálogo com as famílias é determinante para que o processo de desenvolvimento do aluno seja satisfatório.

Fonte: Produzidos pelas autoras, a partir do questionário dos coordenadores.

A questão 4, vem com um fechamento interessante, pois aqui foi respondido pelos coordenadores entrevistados que, “concordam totalmente” que é de imprescindível importância a comunicação e interação dos pais com a escola, para que haja um desenvolvimento satisfatório dos alunos dentro do ambiente escolar. Como já mencionado, a escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida a escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos. (REIS, 2007, p.6). É de suma importância que as escolas trabalhem em parceria com as famílias para o acompanhamento e desempenho dos alunos.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pôr meio da aplicação dos questionários e da revisão bibliográfica percebeu-se que uma porcentagem de pais que responderam os questionários, não demonstrou interesse na relação escola/família. E como pode-se identificar no gráfico 3 eles não têm a noção das funções exercidas pelo coordenador na escola e nem qual sua importância para a vida escolar de seus filhos. Já os coordenadores entrevistados dizem estar preparados para a função que lhes fora colocada, mas percebem esse desvio de função em seu dia a dia, como pode-se notar no gráfico 2 do questionário dos coordenadores.

No entanto, é possível compreender que na verdade muitos não têm a compreensão do seu papel no ambiente acadêmico, mas sabem que ele é importante para o desenvolvimento da escola e dos agentes envolvidos nessa ligação (alunos, pais, professores e gestão escolar), assim como está representado nos gráficos 3 e 4 do questionário dos coordenadores. Pode-se então perceber que a situação de trabalho apresentada por eles em sua rotina diária é de insatisfação por não conseguirem colocar em prática as atividades que deveriam ser desenvolvidas de acordo com suas funções, assim, sempre fica a desejar em alguns requisitos essenciais, mesmo eles

respondendo na questão 1 representada no primeiro gráfico que estão preparados para atuarem, nota-se que ao responderem as questões seguintes demonstram essa insegurança no ambiente de trabalho. E uma de suas tarefas essenciais é trazer para dentro do espaço acadêmico a presença das famílias dos alunos, como observa-se no questionário respondido pelos pais, representado nos gráficos 2, 3 e 4 do questionário dos pais, lembrando o quão isso é importante para a vida escolar destes educandos, e se algo interfere nesta relação dificilmente será possível que haja compreensão das funções, assim como foi devidamente demonstrado nos gráficos 1 e 2 do questionário dos pais, de ambas as partes e também interação e participação das partes envolvidas em projetos que possam ser desenvolvidos na escola. Espera-se que esta pesquisa venha contribuir com as discussões existentes a respeito de quais são as funções do coordenador pedagógico e sua importância para a relação com as famílias dos alunos.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Jessica Barreto de; NOGUEIRA, Lilian Azevedo; RODRIGUES, Teresa Cristina. O Coordenador Pedagógico: suas reais funções no contexto escolar. **Perspectivas on-line: ciências humanas e sociais aplicadas**. Campos dos Goytacazes, 4 (2), p.21-30, 2012.
- CAVALCANTE, Roseli Schultz Chiovitti. **Colaboração entre pais e escola: educação abrangente**. *Psicol. Esc. Educ. (Impr.)* [online]. 1998, vol.2, n.2, p.153-160.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A Relação Escola - Família – uma contribuição da história da educação. **São Paulo em perspectiva**, v.14, n.2, p.44-50, 2000.
- MALDONADO, Maria T. **Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir**. São Paulo: Saraiva 1997.
- OLIVEIRA, Jucilene da Silva; GUIMARÃES, Márcia Campos Moraes. O Papel do Coordenador Pedagógico no Cotidiano Escolar. **Revista Científica do Centro de Ensino Superior Almeida Rodrigues**, ano I, edição I, p. 95-103, Jan. 2013.
- ORSOLON, Luzia Angelina Marino. **O coordenador/formador como um dos agentes de transformação da/na escola**. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho, 2006.
- PAROLIM, Isabel. **As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares**. Fortaleza, 2003.
- PIAGET, Jean. **Para onde vai à educação?** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.
- PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. **O Coordenador Pedagógico e o Espaço de Mudança**. São Paulo: Loyola, 2006.
- PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; SOUZA, Vera Lucia Trevisan de (Coord.). **O Coordenador Pedagógico e a formação de professores: intenções, tensões e contradições**. Pesquisa desenvolvida pela Fundação Carlos Chagas por encomenda da Fundação Victor Civita. Estudos & Pesquisas Educacionais. São Paulo: Abril, 2011.
- REIS, Risolene Pereira. **Revista Mundo Jovem**, nº. 373. Fev. 2007, p.6.
- ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. In: Carvalho, M. C.B.A. **Família contemporânea em**

debate. São Paulo: EDUC/Cortez, 2005

SELLES, Sandra Escovedo, 12 Faculdade de Educação/Espaço UFF de Ciências, Universidade Federal Fluminense, Rev. Ensaio, v.02, n.02/ jul-dez/2000, Belo Horizonte.

SILVA, Adriana Naomi Fukushima da; CONCEIÇÃO, Aline de Novaes. **A relação entre o coordenador pedagógico e a família do aluno em instituições de ensino na cidade de Marília/SP**. Universidade Estadual Paulista, UNESP, [2014].

SILVA, Alice Felisberto da; FACHINI, Maria Ângela Bariance de Arruda. Relação escola-família e papel do coordenador pedagógico: estado do conhecimento. **Horizontes**, v. 33, n. 1, p. 53-62, jan./jun.2015. Disponível

SOUSA, Maria Martins; SARMENTO, Teresa. Escola – família – comunidade: uma relação para o sucesso educativo. **Gestão e Desenvolvimento**. Viseu, n. 17-18 (2009-2010), p. 141-156.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Coordenação do trabalho pedagógico**: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. 11 ed. São Paulo: Libertad, 2009.

WHITE, Ellen Gould. **Educação**: um modelo de ensino integral. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015. (120 anos – Educação Adventista).

SILVA, Adriana Naomi Fukushima da; CONCEIÇÃO, Aline de Novaes. **A relação entre o coordenador pedagógico e a família do aluno em instituições de ensino na cidade de Marília/SP**. Universidade Estadual Paulista, UNESP, [2014?].

SILVA, Alice Felisberto da; FACHINI, Maria Ângela Bariance de Arruda. Relação escola-família e papel do coordenador pedagógico: estado do conhecimento. **Horizontes**, v. 33, n. 1, p. 53-62, jan./jun.2015. Disponível

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Coordenação do trabalho pedagógico**: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. 11 ed. São Paulo: Libertad, 2009.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-354-5

